

RESENHA

Hip-Hop Beats: refletindo masculinidades negras por meio da arte

Daniel Péricles Arruda¹

Inicialmente, é importante considerar que o debate sobre masculinidades negras é amplo e tratado em diversas perspectivas, o que possibilita a troca de conhecimento, a identificação de diferentes sentidos, a continuidade para a visibilidade do assunto, dentre outros aspectos. Observa-se, ainda, que a discussão sobre corpos negros é de suma importância, principalmente ao avaliar a construção, condição e manifestação desses sujeitos em sociedades alicerçadas e edificadas pelo racismo.

Com a intenção de apreender um foco temático dessa discussão, nesta resenha, parte-se do filme norte-americano Hip-Hop Beats (Título original: Beats), lançado em 2019, sob direção de Chris Robinson e roteiro de Miles Orion Feldsott. Certamente, o filme apresenta várias possibilidades de leitura, pois demonstra diversos símbolos e códigos relacionados às representações, às subjetividades e aos vínculos de pertencimento de muitas juventudes periféricas, considerando suas peculiaridades, bem como as possíveis associações de outros/as personagens do filme.

¹ Pós-doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); doutor em Serviço Social pela PUC-SP e mestre em Serviço Social (bolsista do *Ford Foundation International Fellowships Program*, turma de 2010) pela PUC-SP. Tem especialização Multiprofissional em Saúde Mental e Psiquiatria pela Escola de Educação Permanente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (EEP HCFMUSP). É graduado em Serviço Social pela PUC-Minas. Em formação em Psicanálise no Instituto Langage. Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *campus* Baixada Santista, vinculado ao curso de graduação em Serviço Social, ao Departamento de Saúde, Educação e Sociedade (DSES) e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Vivências Artísticas, Culturais e Periféricas. É arte-educa(a)dor, *rapper* e poeta conhecido como Vulgo Elemento. *E-mail:* pericles.daniel@unifesp.br - @vulgoelemento.

Nesta resenha, portanto, pretende-se olhar de modo sensível e poético para o filme, sem a pretensão de narrá-lo em sua integralidade, mas apoiar-se em pontos emergentes para apresentar reflexões sobre as masculinidades negras. Trata-se, inclusive, de uma contribuição na perspectiva de refletir as masculinidades padronizadas (SANTOS, 2007), as masculinidades tóxicas (MESQUITA; CORRÊA, 2021), as masculinidades guerreiras (ZALUAR, 2000), as masculinidades selvagens (SALEM; LARKINS, 2021), dentre outras, chamando a atenção para o reconhecimento de outros necessários modos de existência. Então, vamos lá?

August Monroe (interpretado por Khalil Everage) reside em uma região permeada pela rivalidade entre jovens. Expressão das masculinidades tomadas pela violência, disputa territorial e legitimação grupal. Certo dia, August, andando na rua, à noite, com mais dois amigos, Niyah (Ashley Jackson) e Laz (Evan J. Simpson), são atacados por um grupo de jovens e, para se defender, começam a correr, até chegar em um local seguro. Enquanto isso, em casa, sua mãe, Sra. Carla Monroe (Uzo Aduba), prepara o jantar e pede para que sua filha, Kari (Megan Sousa), o procure. Indo até à rua, a jovem encontra o seu irmão e, no caminho de casa, conversam sobre produção musical, até que outro jovem se aproxima e atira contra eles. A jovem é atingida por um tiro, indo a óbito. A bala atravessa o seu corpo, alcançando August, que sobrevive.

A partir dessa experiência traumática, a vida de August passa a ter outros caminhos. Desde então, sobre o seu modo de vida, chamam atenção os seus processos de subjetivação, seus traumas, seus sofrimentos, seus adoecimentos, seus medos, seus silêncios, seu modo de enxergar a rua, suas lágrimas represadas, sua imersão na arte com produções musicais de *beats*, suas vozes, suas crises, suas dificuldades de sociabilidade, enfim... A vivência de August nos remete ao livro intitulado *Homens Pretos (Não) Choram*, de Stefano Volp (2022). A obra apresenta narrativas sobre sensibilidades e vulnerabilidades do homem negro na perspectiva de contrapor rotulações sobre a masculinidade negra.

Bem, após a perda da irmã, August tranca-se em casa, manifesta pânico de sair na rua e de relacionar-se diretamente com as pessoas. Ainda considera a exigência e o medo de sua mãe, que não o deixa sair. E, dentro de casa, August recolhe-se em seu quarto, espaço em que passa a maior parte do tempo, como se cumprisse uma *prisão domiciliar* por um crime que não cometeu. O quarto é seu refúgio, um lugar em que se protege e se pune, seu reduto particular. De acordo com Fanon (1952/2008, p. 186): “O negro, em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo”.

E, da janela de seu quarto, o jovem visualiza o mundo, ou seja, as pessoas passando na rua, vê os outros jovens indo para a escola, em especial Niyah, a quem August demonstra afeto. Estar fora de casa é como estar fora de si, em risco. Uma vez que, sustentar-se na vida cotidiana, para ele, era difícil, pois há dor, medo extremo, deslocamento e incômodo de encarar a vida como antes. Se é que, até mesmo antes, a fonte para essas questões já não estava represada e, com a morte de Kari, ganha vias de escoamento... Conforme a psicanalista Neusa Santos Souza (1983, p. 9): “Quando a dor faz sua entrada na cena psíquica o prazer retira-se, recolhe-se aos bastidores”.

Como ficou muitos dias sem ir às aulas, Romelo Reese (Anthony Anderson), o segurança da escola, decide visitá-lo para saber o que está acontecendo, a pedido da diretora da instituição, Vanessa Robinson (Emayatzy Corinealdi), que identificou haver alguns alunos que também não estavam frequentando as aulas. Percebe-se que, ficar dentro de um quarto, não é realidade exclusiva de August. Esses alunos, naquele contexto, eram vistos como números para a prestação de contas do orçamento escolar.

Romelo, ao chegar na casa de August, é atendido pela Sra. Carla Monroe; os dois começam a conversar. Enquanto isso, o jovem está no quarto produzindo *beats*. Após conversar com a mãe do jovem, Romelo, que já havia trabalhado como agente musical, pede para ir ao banheiro, estratégia utilizada para saber que som era aquele que o impressionava. Abre, então, a porta do quarto, e vê o jovem produzindo *beats*. Romelo surpreende-se, pois percebe quanto August era bom no que fazia. Entretanto, na

tentativa de iniciar um diálogo, e com poucas devolutivas, August entra em crise. Sua mãe vem até o quarto, ampara seu filho, irrita-se com Romelo, e pede para que ele vá embora.

Sem que a Sra. Carla saiba, Romelo retorna à casa de August por várias vezes, pois sentia que aquelas produções musicais poderiam ser ouvidas por outras pessoas, ao invés de ficarem restritas ao jovem. Romelo tinha o interesse de ajudá-lo, mas também o interesse de se ajudar, ou seja, de se recolocar no cenário musical, uma vez que, pelos erros cometidos no passado, não conseguiu se manter em posição de destaque. Assim, suas tentativas de aproximar-se de August vão construindo um vínculo tomado pela identificação e confiança.

Aqui é relevante refletir que o sofrimento de August coloca em xeque expressões e visões sobre as masculinidades permeadas por muitas sociedades patriarcais, machistas, sexistas e misóginas. Em outros termos, sociedades voltadas para a construção de ideias e práticas do homem como um sujeito que deve ser homem de verdade, homem da casa, homem com H maiúsculo, gentil – gentileza, por vezes, utilizada como dominação e hierarquização –, macho, hetero, viril, forte, mantenedor, corajoso, herói, dono da razão, imponente, ter a voz grossa, ser mais alto que a mulher, que deve se colocar em risco, além de não poder ser sensível, tampouco expressar sofrimentos e nem sentimentos, preocupar-se com o seu próprio prazer, não chorar, não usar brincos, não vestir roupas de cor rosa, não vestir calças justas, não ter cabelo grande, não pintar as unhas, não se sentar de pernas cruzadas, não se depilar, não utilizar e/ou associar-se ao número 24 (no jogo do bicho, correspondente ao veado), não cumprimentar outro homem com abraço e nem beijo, não elogiar outros homens, não desenvolver trabalhos domésticos e outras concepções nessas linhas.

Essas são algumas características para ilustrar o perfil desse tipo de masculinidade, levando em conta as diferenças culturais, o tempo histórico e a relação

de valores em questão, o que não significa que todos esses traços estejam contidos em todos os sujeitos que a vivenciam e/ou que são exclusividades deles.

De acordo com o escritor, poeta e educador congolês, JJ Bola (2020, p. 24), há muitos mitos e crenças a respeito da masculinidade e que são transmitidos geracionalmente como únicas certezas. Para o autor:

A condição do sujeito na qualidade de homem, bem como a masculinidade associada a esse ideal, não é, portanto, uma entidade fixa. Não é um bloco disforme que se encaixa com perfeição em um buraco quadrado, bem no meio de um mundo quadrado. Ela está sempre mudando, é fluida e, mais importante, ela é e pode ser tudo o que você quiser que ela seja. No entanto, enquanto existirem crenças rígidas e estereotipadas sobre a masculinidade, e enquanto essas crenças não forem confrontadas, os homens serão frequentemente incapazes de aderir a uma masculinidade que se situe fora do padrão.

É importante considerar que ser homem branco e homem negro, nos Estados Unidos da América (EUA) e no Brasil, apresenta enormes discrepâncias, inclusive pela base fundante no racismo e nos processos de dominação pautados no assujeitamento de corpos negros, como a predominância no sistema prisional e os extermínios das juventudes negras (ARRUDA, 2021). Sobre o suicídio, observa-se que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) / World Health Organization (2021), em análise registrada em 2019, o suicídio é a quarta causa de óbitos entre pessoas de 15 a 29 anos; após acidente de trânsito, tuberculose e violência interpessoal. Em especial, no Brasil, segundo o estudo desenvolvido pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), no período de 2012 a 2016, a taxa de suicídios entre adolescentes e jovens negros cresceu 12%, enquanto o índice de adolescentes e jovens brancos se manteve estável. No ano de 2016, o estudo identificou que o suicídio entre adolescentes e jovens negros foi maior em 45%, comparado aos brancos.

Ao refletir sobre esses dados, chama a atenção que muitas sociedades se assentam na concepção de atributos pertencentes, na perspectiva binária, ao homem e à

mulher, sendo, portanto, necessário romper e ampliar essa visão, analisá-la a partir de suas pluralidades e considerando a condição e expressão da vida, o desejo. Ademais, observando que o feminino também faz parte da constituição das masculinidades, isso é visível no filme.

August traz pistas que fogem da perspectiva apresentada anteriormente, o que não significa não ser afetado por ela, mas ele apresenta o seu modo de ser, a sua masculinidade negra. O jovem prefere esconder-se, não quer disputar. Quer ficar quieto e produzir suas músicas, pois nas batidas eletrônicas é que se sente próximo à sua irmã, que também produzia *beats*. Ele consegue se organizar internamente, em alguns momentos. Consegue dar trilha sonora para os seus passos imaginários. Para o jovem, produzir as músicas é uma ação terapêutica, ato pulsional, um modo de ser tocado internamente pelas melodias e batidas, um meio de viajar no som, de ter a fantasia como vereda para fuga do sofrimento. A arte tem essa potencialidade! O objetivo do jovem, a princípio, era produzir os *beats* para ele mesmo, seu show *interno*, naquele contexto, não visava divulgá-los, tampouco vendê-los. Entretanto, a arte vai se constituindo como um guia, um canal de *cura*, um modo de lidar com as tensões psíquicas, de ressignificar afetos e representações.

É importante refletir que as masculinidades são constituídas historicamente, porém, as masculinidades negras, mesmo contendo algumas características das masculinidades antes citadas, apresentam suas diferenças a partir da construção de estigmas e preconceitos com base na escravização e colonização (SANTOS, 2014). Por vezes, são relacionadas à hipersexualização, à força ligada ao trabalho reconhecido como pesado, à preguiça, à marginalização, à violência, à promiscuidade, ao perigo.

As masculinidades negras são recusadas ou aceitadas conforme a cultura e os interesses em evidência. Deve-se considerar que não se trata das masculinidades negras em si, mas em como são formadas, lidas e recepcionadas nas relações socioculturais, tais quais em suas relações e emersões para outras dimensões da vida no jogo

associativo de atributos e valores, nas pistas apresentadas pelas manifestações do inconsciente.

Sobre esse último item, há a importante produção da psicanalista Isildinha Baptista Nogueira (1998/2021), que se debruçou em pesquisar como o racismo se inscreve na psique do negro. Para isso, analisou as relações históricas, sociais e culturais, bem como suas implicações na constituição do sujeito e suas significações. Esses elementos são essenciais para refletir a condição do jovem August. Assim como interpelar seus conflitos e sintomas. E analisar o que se volta para a estrutura social e a estrutura do sujeito que, aqui, é um jovem negro com demandas peculiares.

August reconhece seu valor nas produções musicais, o que lhe confere valor humano. Romelo age não somente como alguém que quer lançar o jovem no cenário da cultura *hip-hop* de Chicago/EUA, mas se posiciona como um amigo, um cuidador, um mediador entre o quarto e o mundo de que August se priva por muito tempo. Romelo torna-se a sua janela, o caminho de passagem para enxergar outras possibilidades. Ele sabe que não somente os *beats* do jovem precisam sair daquele quarto, mas também o próprio jovem.

Uma das produções de August é feita para Niyah. Esse fato o impulsionou a sair de casa e levar o CD para a jovem, assim como, incentivado por Romelo, preparar uma série de produções para apresentar em uma produtora. Sair de casa era torturante. August vestiu-se de modo que não fosse reconhecido, para ir à casa de Niyah, para entregar-lhe o CD. Outro desafio é ir em um *show* com Romelo e Niyah, momento em que é surpreendido, ao ouvir a música que fez para a jovem, *Whole Lot of Love* (Tradução livre: Muito amor), sendo cantada pela *rapper* Queen Cabrini (Dreezy).

August vai construindo seu caminho na música, mas, a princípio, sua mãe não vê isso de maneira positiva, pois teme que esse movimento amplie o sofrimento de seu filho ou que o deixe exposto à violência cotidiana. Aspectos que também a fazem sofrer.

Aos poucos, passando por turbulências, o jovem consegue retornar à sua vida e desenvolver-se no que sabe fazer muito bem, ou seja, na arte.

Assim, o filme *Hip-Hop Beats* demonstra a importância de ouvir os jovens, atentar para as suas dores e como o racismo e a cotidianidade afetam diretamente a sua saúde mental. É identificar as possibilidades para que os sujeitos possam construir caminhos que lhes permitam viver as suas masculinidades. Por masculinidades negras, é preciso reconhecer que cada sujeito, no encontro com o outro e em suas relações coletivas, é único. É necessário reconhecer também que a própria cultura *hip-hop*, em seu florescimento, era constituída por um modo de ser majoritariamente, e, hoje, contém diversas expressões, inclusive no que se refere a essas masculinidades.

Tomando esses aprendizados, em uma construção de práticas antirracistas, masculinidades negras não devem reproduzir comportamentos de masculinidades que coloquem o homem no centro das relações, mas que, como a produção de um *beat*, possam permitir se tocar e ser tocado por diversos caminhos sensíveis, para que o sujeito supere seus quartos internos!

Referências

- ARRUDA, Daniel Péricles. O que o *rap* tem a dizer sobre o extermínio da juventude negra, pobre e periférica? **Revista Mosaico** (FGV). v. 13, n. 20, 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/82953>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada [Título original: *Mask off: masculinity redefined*]. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BRASIL. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** [Título original: *Peau noire, masques blancs*]. Salvador: EDUFBA, [1952] 2008.
- HIP-HOP beats [Título original: *Beats*]. Direção Chris Robinson. Filme. Global Road Entertainment. 51 Minds Entertainment. Distribuição Netflix. Estados Unidos da América (EUA), 2019. (110 min.).
- MESQUITA, Yukimi Mori; CORRÊA, Hevellyn Cielly da Silva. A “masculinidade tóxica” em questão: uma perspectiva psicanalítica. **Revista Subjetividades**, 21(1), e10936, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e10936>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, [1998] 2021.

SALEM, Tomas; LARKINS, Erika Robb. Violent masculinities. **American Ethnologist**, v. 48, n. 1, p. 65-79, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/amet.13005>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SANTOS, Daniel dos. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 7-20, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/2923>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTOS, Rivaldo Pereira dos. A desconstrução da masculinidade na sociedade patriarcal. *In*: I SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS, 2007, João Pessoa/PB. GT 7. V. 1. João Pessoa/PB: EUFPB, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VOLP, Stefano. **Homens pretos (não) choram**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide worldwide in 2019**: global health estimates. 2021.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

Recebido: 19/02/2022

Aceito: 07/05/2022